

## FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO URBANO NA CIDADE DE CHAPECÓ

Adriana Diniz Baldissera<sup>1</sup>

Alex Marcos Bedin<sup>2</sup>

Fabiano Estanislau Czarnobay<sup>3</sup>

Thiago Bruno Scussiato Merlo<sup>4</sup>

### RESUMO

O presente artigo busca a leitura da história de Chapecó identificando a formação do imaginário urbano ao longo do tempo. Um olhar para a história de Chapecó, sua fundação no início do século XX até a atualidade, quase um século depois, qual o ideário comum. Qual a música orquestrada nestes processos de colonização, desenvolvimento e urbanização. Questão que vem à tona diante da identificação da formação do imaginário urbano, quando a ideia de modernidade é identificada, através do esforço de olhar o passado com o olhar da época. As relações do ideário foram pesquisadas através de documentos, fotos, matérias de jornais, literatura e cartografia de cada período. Os dados coletados são mediados pela imaginação e por sentimentos e representações simbólicas na construção da cultura e identidade dos indivíduos do lugar. A identidade é uma construção simbólica, que estabelece uma comunidade de sentido e um ponto de referência no mundo, a dinâmica do município de Chapecó ao longo de toda sua história contem esses registros simbólicos.

**Palavras-chave:** Cidade, Paisagem Urbana, Urbanização, História

### 1 INTRODUÇÃO

O artigo busca a leitura da história de Chapecó identificando a formação do imaginário urbano ao longo do tempo. Questão que vem à tona diante da identificação da formação do imaginário urbano, quando a ideia de modernidade é identificada, através do esforço de olhar o passado com o olhar da época.

Para Rama (1985) a cidade é uma articulação de signos que compõem uma identidade social e culturalmente construída. O imaginário da cidade seria o “reflexo” não mimético de uma cidade física.

A fim de embasar a pesquisa, desenvolver e explorar questões importantes sobre aspectos da formação do imaginário urbano foram realizadas investigações, leituras e reflexões

---

<sup>1</sup> Docente UCEFF, Arquiteta e Urbanista (UFSC), mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade (UFSC). E-mail: adrianabaldissera@uceff.edu.br.

<sup>2</sup> Docente UCEFF, Arquiteto e Urbanista (UNOCHAPECÓ) e especialista Master em Arquitetura (IPOG). E-mail: alexbedin@hotmail.com.

<sup>3</sup> Docente UCEFF, Arquiteto e Urbanista (UNOESC) e especialista em Arquitetura e Engenharia de Estabelecimentos Assistenciais de Saúde (UNIEVANGÉLICA). E-mail: fabianoczar@hotmail.com.

<sup>4</sup> Docente UCEFF, Arquiteto e Urbanista (UNOESC) e especialista em Arquitetura Comercial (UNOCHAPECÓ). E-mail: thiagobsmerlo@gmail.com.

sobre o tema e seus exemplares no contexto nacional e regional. Analisadas as questões históricas, características gerais, estruturação, aspectos formais e compositivos das edificações e morfologia urbana, tendo como objetivo demonstrar aspectos positivos e negativos que venham a acrescentar na reflexão sobre o tema.

Segundo Argan (2005) entre a “cidade real” e a “cidade ideal” há um contrabalanço e troca de sinais entre uma “cidade do desejo” e uma “cidade do possível”.

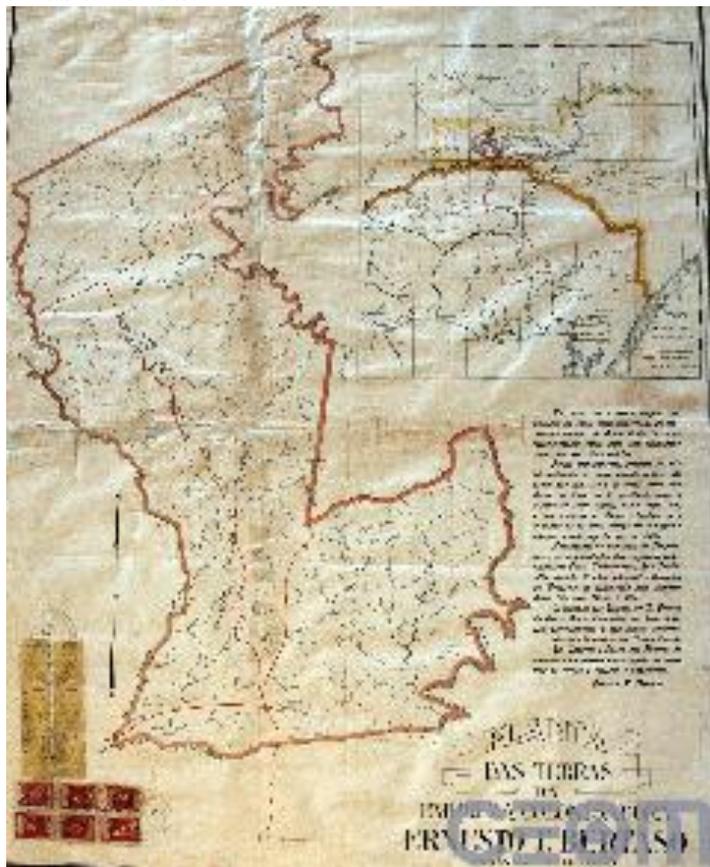
## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A identidade é uma construção simbólica, que estabelece uma comunidade de sentido e um ponto de referência no mundo, a dinâmica do município de Chapecó ao longo de toda sua história contem esses registros simbólicos.

Iniciamos a análise nos primórdios, um evento marca profundamente essa região, o fim da guerra do Contestado possibilitou maior resistência por parte das empresas colonizadoras e avanço no ritmo da colonização nos estados da região sul. No ano de 1920, o governo catarinense sente necessidade de investimentos na região e concede concessões de terras às empresas colonizadoras. Desse modo, iniciou-se um processo de colonização no oeste catarinense, que se dá, principalmente, através de ações e empreendimentos de Companhias Colonizadoras, que se instalam na região, em sua maioria, com capital próprio.

Em pesquisa ao acervo do CEOM, identificamos um mapa (figura 1), cujo texto aborda o tema do ideário a que nos referimos, da promessa do progresso em terras férteis que reforçando a questão higienista tão preocupante na época momento em toda nação. A presente planta possui em seu conteúdo informações sobre as terras da Empresa Colonizadora, sendo esta a propaganda das terras. “As terras do presente mapa são situadas no ponto mais importante do Florescente Estado de Santa Catarina e se recomendam tanto pela sua fertilidade como pelo seu clima salubre” (CEOM, 2011).

**Figura 01. Mapa das terras da Empresa Colonizadora Ernesto Bertaso – Propaganda das terras à venda**



**DADOS DA FICHA:**

**ID:** FEBE 1.1 02.

**Fundo/Coleção:** FEBE - Fundo Empresarial Bertaso.

**Série:** Cartografia.

**Sub-série:** Mapas de Terras.

**Data:** 1900-01-01.

**Data Aprox.:** 1901-1949.

**Original/Reprod.:** Original.

**ELEMENTOS DA LEGENDA:**

Sede da colônia, estrada de ferro em tráfego, estrada de rodagem, terras da empresa.

**DADOS DO MAPA:**

**Escala:** 1:100.000.

**LIMITES:**

Lajeado Rodeio Chato, Rio Irany, Lajeado do Florentino, Lajeado do Golfo, Rio Chapecozinho, Lajeado dos Índios, estrada de rodagem, Lajeado Xanxerê.

Fonte: CEOM (2011).

Nesta época, Chapecó possuía uma imensa floresta e ricas terras, além de outros recursos naturais pouco explorados até o fim do século XIX. Essas características possibilitaram o desenvolvimento e a intensificação de diversos ramos da atividade econômica. Além disso, serviram como estratégia para que as Companhias Colonizadoras atraíssem fluxos migratórios de agricultores provenientes do Rio Grande do Sul para comprar lotes de terras e desfrutar dos recursos nela existentes. Ao chegarem à região, se confrontaram com vários problemas de infraestrutura, estradas precárias e falta de estabelecimentos comerciais (figura 02).

A comercialização da vasta área pertencente à fazenda Rodeio Bonito coincidia com as ambições das empresas colonizadoras Bertaso, Maia & Cia. e Irmãos Lunardi, aliadas aos interesses do Estado em divulgar a “vocação agrícola do país”. Nas primeiras décadas do século XX colocava-se a urgência de o Brasil mostrar-se capaz de povoar, utilizar e defender os recursos naturais a fim de assegurar efetivamente a sua posse (RADIN, 2006, p. 49).

**Figura 02. Chapecó na década de 1930**



Fonte: Arquivo pessoal de Ernesto Pasqualli.

Para Alba (2002), a colonização estruturou-se principalmente por interesse das Companhias Colonizadoras, que queriam vender as suas terras; do estado, pela necessidade de ocupação do espaço territorial visto como vazio demográfico; e dos colonos, que queriam ter acesso a terra. Muitos indígenas e luso-brasileiros antigos moradores que residiam na região foram sendo expulsos, pela empresa responsável pela colonização, por não possuírem título de propriedade e pelo modo de produção primitivo que possuíam. Ou ainda, foram sendo diluídos por causa da vinda de imigrantes gaúchos (principalmente italianos e alemães), que provocou a mistura de raças.

O governo republicano alegava a necessidade de enfrentar as mazelas que afetavam o país, entre as quais estariam o sertão e sua gente vivendo em completo atraso; por isso, era preciso modernizar, tanto no seu modo de ser quanto no de trabalhar (RADIN, 2006, p. 74).

Desta forma, para o Estado, o índio é visto acima de tudo como uma ameaça que precisa ser eliminada. Além disso, esta representação também comportava a ideia de que havia uma distinção entre os indígenas: havia os “índios bugres”, para os quais não deveriam vigorar os “efeitos de humanidade”. E havia os índios “mansos”, que não representavam perigo, com os quais se poderiam estabelecer relações e fazer acordos. Na região, um importante aliado dos povoadores que poderia ser um representante do que se considerava ser um índio civilizável, a ser incluído na sociedade brasileira foi o índio Vitorino Condá, que a partir de 1812 passou a

capturar índios para vender aos portugueses, auxiliando-os a prender e eliminar indígenas das terras das terras que pretendiam ocupar (MOREIRA NETO apud D'ANGELIS, 1995, p. 154).

Hass (1999) afirma que as décadas de 40 e 50 foram favoráveis ao crescimento de Chapecó. O aumento demográfico e a acumulação de capital proporcionada pelo extrativismo vegetal propiciaram a expansão econômica da região. A chegada de novos profissionais proporcionou o desenvolvimento do comércio e da indústria.

A posição de Pesavento (1999) para a cidade do Rio de Janeiro, serviria também para esta realidade do Oeste, seja um processo de recriação da identidade, em um “renascimento” talvez pudesse sanar nossos males de origem, da cidade do índio, caboclo, mestiço, atrasado.

A imagem do espelho é sempre uma ilusão, mas essa não é sempre mentirosa. Como representação, a identidade é sempre uma versão sobre o real, que resultou de opções e escolhas. Desta forma, o principal responsável pela colonização, Coronel Bertaso tinha esta referência em sua mente, a imagem europeia. Viajava frequentemente para a Europa e mantinha contato direto com a capital gaúcha Porto Alegre, vivia e estava impregnado do ideário que comandava toda a máquina da economia, política e cultura na escala nacional. O espelho da Europa, em principal com a França, e as grandes avenidas de Haussmann se fizeram presentes no Oeste. Porém o conjunto das intervenções urbanísticas não se resumiu ao traçado da cidade, mas pretendeu penetrar fundo nas socialidades e valores do povo.

De acordo com Hass (2007), também se percebia o progresso na urbanização da cidade, como a abertura de ruas, o alargamento e calçamento das antigas e a remodelação da praça. Durante a colonização, o Coronel Bertaso se preocupou com o planejamento e a ocupação do espaço urbano.

### **3 METODOLOGIA**

A pesquisa foi desenvolvida com o método indutivo, em nível descritivo, delineada com estudo de caso, sobre um enfoque qualitativo. As técnicas utilizadas foram: documentação indireta, documentação direta e observação direta intensiva.

Entende-se que a pesquisa bibliográfica e documental é aquela elaborada a partir de material já publicado, onde a principal diferença entre elas, segundo Gil (2010) é que mesmo as duas utilizando-se de material existente, a pesquisa bibliográfica fundamenta-se em material elaborado por autores enquanto a pesquisa documental vale-se de documentos elaborados com diversas finalidades, trabalhamos com ambas.

Outra contribuição importante e fundamental para este estudo se permite através dos estudos de caso, sendo definido por Gil (2010) como “o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, produzindo a partir dele um amplo e detalhado conhecimento”. O caso analisado é o município de Chapecó e sua dinâmica urbana.

#### **4 ANÁLISE DE DADOS**

Em 1931, ano em que a vila Passo dos Índios (Chapecó) foi transformada em sede do município, foi implantado um Plano Urbano produzido pela empresa Colonizadora Bertaso, com uma ordenação cartesiana, que possui um traçado urbano xadrez, com avenidas largas, quadras bem definidas, passando para o migrante visitante a visão de uma cidade planejada, organizada, que caminha para o desenvolvimento (HASS, 2001).

A pesquisadora Rosa Alba (2002) esclarece que até os finais dos anos 40, os donos das empresas colonizadoras dominaram a economia e a política no município de Chapecó, principalmente a família Bertaso. A ligação entre o Governo do Estado favoreceu um forte mandonismo local. “A estrutura de dominação e as formas de controle social faziam parte de toda uma cultura social e política resultante das relações de poder da época, em que o público e o privado tornam-se complementares” (HASS, 1999, p. 25).

Considerando a análise feita por Maia (2008), quando trata sobre um registro sociológico, a reconstrução do universo social em que se moviam os autores não pode ser traduzida diretamente pela categoria de intencionalidade, já que essa reconstrução objetiva desvendar uma experiência social/intelectual que escapa ao pleno controle do sujeito. Com isso não se quer dizer que o significado de um texto é um dado inútil, ou mesmo aleatório, mas que ele não pode ser atribuído diretamente a uma intenção anterior tida como propriedade singular de um sujeito plenamente consciente de toda sua ação expressiva.

Para tanto buscamos fragmentos do jornal vigente, no trabalho desenvolvido por Macedo (2010) os quais retratam o contexto da época. O jornal *A Voz de Chapecó*, procurava também intervir em questões locais, como as relativas à organização do espaço urbano. Foi assim que, em uma de suas primeiras edições, comentava-se nas páginas impressas a condição das edificações da cidade. Falando sobre elas, o jornal registrava:

As construções, porém, é que dão a primeira impressão aos que aqui chegam, muito deixam a desejar (figura 03). Salvo pequenas exceções, Chapecó não tem casas de habitação que mereçam esta denominação. As nossas construções podem ser assim definidas: - um caixão com um telhado em cima. São sem gosto, sem estética e sem técnica. A culpa, no entanto, não

cabe a população, que não tem quem a oriente. Compete ao poder público lançar as normas para quem quer construir, como seja fixar as dimensões mínimas dos prédios, da sua janela, da altura das casas e exigir, pelo menos em algumas ruas previamente determinadas, a apresentação de um projeto, que merecerá ou não a aprovação do poder competente. Evitar-se-ia, assim, que o lastimável aspecto que produzem os galpões e casebres de nossa rua principal se propagasse (“As Construções em Chapecó” A Voz de Chapecó. 10 de maio de 1939)

**Figura 03. Chapecó na década de 40**



Fonte: Prefeitura Municipal de Chapecó.

Um dos focos mais importantes de cobrança visando à atuação do poder público estadual dizia respeito à abertura de estradas, que integrassem a região ao restante do país. Neste sentido, os editores registraram logo no ano de sua fundação.

Aos estados como organismos sociais é que compete proteger e ajudar o progresso, o desenvolvimento de suas partes constituintes, os municípios e as regiões. E como realizar isso, senão possibilitando um contato direto e fácil entre as células em desenvolvimento e o centro direto, distribuidor de amparo e estímulo (CAMPOS, 1939).

Por sua vez, as modificações concretas do espaço público arrastariam consigo a normatização das práticas sociais, compondo, finalmente, uma nova representação do urbano da cidade-capital e, portanto, do país republicano, proclamada sob os ventos do progresso e da ordem, lida essa última, como civilização.

As mudanças políticas e econômicas ocorridas na segunda metade do século XX em âmbito internacional e nacional interiorizaram-se, fazendo-se presentes nas fronteiras do país.

Dentre outros fatores, a afirmação do Estado Nacional - conivente aos interesses internacionais de avanço neoliberal – se deu através da delegação de poderes políticos e econômicos e de concessões e alianças com as elites locais.

**Figura 04. Chapecó na década de 50**



Vista da cidade de Chapecó/SC nos anos 50.

Fonte: Prefeitura Municipal de Chapecó.

Assim, foi neste período que certas características, tais como renda, concentração populacional e de atividades e diversidade de produção – vegetal e animal –, começaram a destacar o município de Chapecó dos demais da região, denotando um caráter fortemente agropecuário, que foi base para o acelerado crescimento urbano posterior. Naquela época Chapecó não passava de uma vila (Figura 04). Na década de 1950, as primeiras indústrias modernas e as bases da agroindústria começaram a surgir (ALBA, 2002, p. 25).

Todavia, foi justamente entre 1940 e 1980 (Figura 04 e 05) que ocorreu o expressivo crescimento urbano no país, de modo que as cidades passaram a abrigar a maior parte da população brasileira. O rápido crescimento urbano e a falta de políticas consistentes que orientassem um crescimento urbano mais equilibrado, à medida que ele acontecia e não a posteriori contribuíram para a geração de diversos problemas de caráter socioambiental no território (FUGITA, 2008).

**Figura 5. Chapecó na década de 1980**



Fonte: Alba (2002).

Alba (2002, p. 29) assinala que a partir da metade do século passado, a ocupação desta porção do território foi ditada pelo ritmo imposto pelo capital. A região foi o receptáculo das relações do modo de produção capitalista em sua forma madura, pois vinha ao encontro dos anseios de expansão e continuidade de acumulação capitalista provenientes de outros lugares por meio da associação com certas elites locais. Os contingentes populacionais que buscaram Chapecó e região, na época, constituíram uma segunda leva colonizadora em busca de novos meios de sobrevivência, formados pelo excedente populacional do Rio Grande do Sul mais voltado ao comércio local e com suporte nas pequenas propriedades produtivas.

A gênese do capitalismo no oeste catarinense está apoiada, sobretudo, segundo Alba, nesta articulação produtiva e comercial, que gerou capital nas mãos de alguns agentes comerciantes intermediários desse processo que investiram nos primeiros frigoríficos da Região (ALBA, 2002, p. 30-33).

Segundo Maia (2008), em boa parte das reflexões oriundas do campo das ciências sociais, o tempo sempre pareceu ser a categoria determinante. Na imaginação moderna, o espaço parecia antes uma resistência, uma trincheira da tradição destinada a ser varrida pelos personagens e forças próprias de novas experiências sociais: o capital, a luta de classes, o capitalismo, o socialismo. Nesse registro, a economia explicativa da modernidade parecia apontar para a dinâmica temporal como chave para a decifração dos fenômenos sociais. Se ficarmos apenas em duas linhas mestras da tradição sociológica, a weberiana e a marxista, perceberemos que conceitos como carisma, mercado, revolução, luta de classes e outros tantos dizem respeito a processos de transformação histórica animados por lógicas de conflito que poderiam se desenrolar em quaisquer cenários geográficos. Trata-se de uma visão do drama

moderno centrada no aprofundamento das energias sociais acumuladas e na sua disseminação – a consciência de classe ou a ética protestante, por exemplo. O espaço, por sua vez, parecia ficar relegado ao domínio da geografia como campo de saber específico, expandindo-se, no máximo, para as fronteiras da historiografia, em especial aquela animada por Braudel<sup>5</sup>.

**Figura 6. Chapecó no ano de 2010**



Fonte: Prefeitura Municipal Chapecó.

Pesavento (1999) afirma que a identidade é uma construção simbólica, que estabelece uma comunidade de sentido e um ponto de referência no mundo. A metrópole é a forma mais específica de realização da vida moderna (Figura 6).

A cultura da modernidade é eminentemente urbana, Georg Simmel<sup>6</sup> e associa duas dimensões: a cidade é o sítio da ação social renovadora, da transformação capitalista e consolidação de uma nova ordem e, por outro lado, é também o tema e o sujeito das manifestações culturais.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

<sup>5</sup> Historiador francês nascido em Luméville-en-Ornois, um dos mais importantes representantes da Escola dos Annales e conhecido pela introdução de renovações nos métodos historiográficos tradicionais.

<sup>6</sup> Georg Simmel (1858-1918) foi um renomado cientista social alemão que contribuiu com a sociologia em seu estágio inicial de desenvolvimento, formulando paradigmas e teorias sociais inovadoras.... - <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/georg-simmel---microsociologia-cientista-criou-a-sociologia-das-formas.htm?cmpid=copiaecola>.

Na atualidade o ideário do progresso continua regendo as diretrizes da cidade. Campanhas publicitárias do poder público direcionam, a exemplo o slogan “Acelera, acelera, Chapecó não pode parar...” retrata esta obsessão pelo crescimento, desenvolvimento, modernidade, para estar inserido, reconhecido na esfera nacional.

Desenvolvimento este a qualquer preço, e sem qualidade de vida para a população, continua a ideia de crescimento privilegiando poucos, da mesma forma que ocorreu na colonização. O setor imobiliário ditando as regras, grandes empresários nos bastidores do poder, e a população e o meio ambiente pagando um preço muito alto, neste processo excludente.

Hoje os atores são outros, o índio foi expulso, aniquilado em número e culturalmente; os caboclos com as oportunidades restritas assumem uma categoria operária; e a classe dominante continua a mesma com alternância de sobrenomes das famílias tradicionais. Politicamente a dinâmica permanece a mesma, o clientelismo não se esgota. As negociações, as conquistas de investimentos do Estado, as trocas de favores. A moeda de negociação é a mesma. E neste cenário o espaço urbano é materializado, fisicamente estas relações ficam esclarecidas e gritantes aos nossos olhos.

As políticas urbanas não atingem os mais necessitados e suas reais carências, muito do que acontece é o reforço da ideologia, fazendo com que quem mais precisa acredite que não tem este mérito.

O peso do simbólico se sobrepõe à realidade: o parecer tem o efeito de ser e, como tal, é julgado e avaliado. A credibilidade do imaginário se impõe, mesmo que as condições concretas das existências neguem os discursos e as imagens que sobre a realidade se produzem. A aparência e a fachada têm alta significação e o detalhe é tomado pelo conjunto (PESAVENTO, 1999).

## REFERÊNCIAS

ALBA, R. S. **Espaço urbano: os agentes da produção em Chapecó**. Chapecó: Argos, 2002. 184 p.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMPOS, Raul José. “**Marchem cá para oeste**”. A Voz de Chapecó, 25 jun. 1939.

CEOM – Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina. **A Voz de Chapecó: artigos de Antônio Selistre de Campos (1939-1952)**. Chapecó, SC: Argos, 2004. 253 p.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <[http://ceom.unochapeco.edu.br/ceom/index/?codseq\\_imagem=3314&ficha=508](http://ceom.unochapeco.edu.br/ceom/index/?codseq_imagem=3314&ficha=508)>. Acesso em: 2 fev. 2011.

D'ANGELIS, Vilmar da Rocha; FÓKÂE, Vicente Fernandes. **Toldo Imbu**. Série documento/CEOM: Chapecó: Universidade do Oeste de Santa Catarina, 1994.

\_\_\_\_\_. **Para uma história dos índios do Oeste Catarinense**. Cadernos do CEOM. Chapecó: UNOESC, 1995.

FUJITA, Camila. **Dilema urbano-ambiental na formação do território brasileiro: desafios ao planejamento urbano no Brasil**. 2008. Tese (Doutorado em Paisagem e Ambiente) – FAU-USP, São Paulo, 2008. 214 p. il.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas S.A., 2010.

HASS, M. O. **linchamento que muitos querem esquecer: Chapecó (1950-1956)**. Chapecó: Grifos, 1999.

\_\_\_\_\_. **Os partidos políticos e a elite chapecoense: um estudo de poder local (1945 a 1950)**. Chapecó: Argos, 2001.

\_\_\_\_\_. **O linchamento que todos querem esquecer: Chapecó (1950-1956)**. 2. ed. rev. e ampl. Chapecó: Argos, 2007.

MACEDO, Márcio de. **“AO CORRER DA PENA”: história e representação dos Kaingang no Jornal A Voz de Chapecó (1939 – 1953)**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

MAIA, João Marcelo Ehlert. **A terra como invenção: o espaço no pensamento social brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.  
Periódicos A Voz de Chapecó de 1939-1942 e 1946-1953.

PESAVENTO, Sandra Jatahi. Rio de Janeiro: **uma cidade no espelho (1890/1910)**. In: \_\_\_\_\_. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999. p. 157-231. Cap. 3.

RADIN, José Carlos. **Companhias colonizadoras em Cruzeiro: representações sobre a civilização do sertão**. 2006. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

WERLANG, Alceu Antônio. **Disputas e ocupação do espaço no oeste catarinense: a atuação da companhia territorial Sul Brasil**. Chapecó: Argos, 2006.